

De Nuno Higino ou sobre um poeta que "inventava versos ao jeito da manhã florescer"

Sara Reis da Silva
IE-Universidade do Minho
sara_silva@ie.uminho.pt

Sara Reis da Silva escreve de acordo com a antiga ortografia

Oito anos após a edição de *A Rainha do País dos Frutos* (Cenateca, 2000), bela narrativa (à qual regressamos frequentemente) que fala dos frutos para falar do Homens, como, em outro lugar (Silva, 2005), procurámos dar conta, Nuno Higino (1960-) dá à estampa *Versos Diversos* (Trinta por uma Linha, 2008).

Não é difícil reconhecer e reencontrarmo-nos, nos vinte e dois poemas que integram *Versos Diversos*, com alguns dos principais eixos estruturantes e dos motivos mais recorrentes que perpassam a generalidade da escrita do poeta também de *O Menino que Namorava Paisagens* (Campo das Letras, 2001) ou *Todos os Cavalos...* e mais *Sete* (Cenateca, 2003). Se o título da colectânea permite antever simultaneamente a variedade de textos poéticos e, muito especial, o carácter lúdico que os caracteriza(rá), uma leitura dos textos em questão confirma essa espécie de habilidade natural do poeta na exploração dos sentidos das palavras, jogando com elas, combinando-as de um modo muito pessoal e seleccionando-as criteriosamente. Aliás, este cuidado com as palavras não é apenas

"daqui" e de esta obra que intentamos rere. Este cuidado de Nuno Higino parece ser, na verdade, uma forma de vida, substantivada numa persistente e paciente busca da palavra "certa", como reflectem as seguintes palavras:

«Procurei muitas vezes, sem desistir, porque há sempre uma vez em que encontramos a palavra que procuramos. Pode ser necessário esperar a vida inteira, mas ela aparecerá. Pelo menos eu acredito que assim é. Se não aparecer por força da memória, aparecerá como uma visão, um relâmpago, uma anunciação» (Higino, 2010: 93).

Em *Versos Diversos*, esta procura e uso da palavra, um uso muito criativo, além de alicerçado em apelativos jogos fonéticos e rimáticos (como sucede em «O puzzle sem matriz»), assume, com frequência, a forma de jogo com as letras, como se constata no poema «As letras mal comportadas», texto composto por quatro quadras, nas quais, em certas palavras, se introduzem alguns grafemas "manuscritos"/caligráficos e coloridos, consubstanciando uma intenção lúdica assente também no trocadilho. De modo similar, na composição poética intitulada «A Magia das Letras», o recurso a um grafismo distinto para certas letras e algarismos, associado à personificação, acentua o carácter lúdico e humorístico, aspectos que, a par, por exemplo, do registo coloquial e da interpelação/desafio directa/o do potencial destinatário, são determinantes para a captação da atenção do leitor.

A abertura deste mesmo poema – «Era uma vez um senhor...» (Higino, 2008) – permite a sua inscrição no domínio daquilo que alguns estudiosos designam como «poesia narrativa» (Cervera, 1991). Com efeito, em certos textos, detectam-se marcas de narratividade, como a referida fórmula hipercodificada de abertura, o discurso directo e o tom dialógico (como no poema «Confusão de estrelas») ou a presença de figuras personificadas que interagem e participam de pequenas acções (como em «Uma estrela com sarampo»), entre outras.

Do ponto de vista temático, destaca-se a infância como vector semântico nuclear de um elevado número de textos de *Versos Diversos*, tópico aparentemente já anunciado nas dedicatórias

registadas na abertura do volume («Para a Beatriz e para o Lucas»), um paratexto que acaba por ecoar nos poemas intitulados precisamente «Lucas» e «Beatriz», ou também na que surge inscrita no final do poema «O mundo espera» («Para a Carla Raquel»). A esta o poeta associa, criando, “gestos” de faz-de-conta, como acontece, por exemplo, em «Lucas», «que faz um fato / de astronauta» (Higino, 2008), ou em «Beatriz» que, primeiro, «queria ser Imperatriz» e, depois, apenas «feliz» (idem, ibidem). Em «Aquele criança de Timor», à representação da criança não se encontra alheio um conhecimento sensível da diversidade dramática que caracteriza esse mundo. Releia-se, apenas, a quadra final desta composição: «Eu nunca tinha visto uma criança / pedir o que pediu ao médico / aquela criança de Timor: / – Tire-me os sonhos, senhor doutor!» (idem, ibidem).

Assinale-se, ainda, ao nível ideotemático, a poetização – relativamente rara na poesia para a infância – de sentimentos como o amor, tópico que, cremos, se encontra implícito no poema «A Barquinha e o Farol», texto seguido de uma dedicatória («Uma barquinha de flores para a Ana Luísa» / «Um farol de luz para o Luciano»), que se afigura fundamental no texto poético de abertura da obra, «Um coração vermelho», e que, aliás, o poeta retoma também nos textos poéticos «Sem título» e «Os vagabundos», patentes na antologia Verso a Verso (Trinta por uma Linha, 2009).

A lua, por exemplo, tem também lugar no poema «As Asas da Lua», como possui, igualmente, em «Lua Malandra» de Verso a Verso (Trinta por uma Linha, 2009). A partir de um jogo de contraposições, que determina, em parte, o ritmo binário da composição, a lua e as casas surgem personificadas, pressentindo-se entre ambas uma espécie de enamoramento, nascido a partir da dança e do olhar. As sugestões simbólicas e a elegância que distinguem este poema motivam a sua transcrição:

«As Asas da Lua

*A Lua tem asas
E olhos as casas
A Lua a voar
E as casas a olhar
Dança bem a Lua*

*E as casas na rua
Dançam com ela
Na luz da viela*

*Lua dançarina
Cara de menina
Toca com as asas
Os olhos das casas.» (Higino, 2008: s/p).*

De extensão variada, uns compostos apenas por uma estrofe, como se de um “instante” se tratassem (veja-se, por exemplo «Definição»), outros por várias, ocupando uma página ou estendendo-se por duas, os poemas em análise reflectem, igualmente, uma proximidade afectiva com a natureza, muitas vezes materializada na presença da temática animal. Com efeito, como refere Rui Marques Veloso, na poesia de Nuno Higino, figuram «as vivências das coisas simples e belas», revistas e relidas a partir do “encontro” com, peixes «fresquinhos» («Fresquinho, freguês!»), ervinhas do campo («Uma estrela com sarampo») e «burrinhos» («O burrinho da Inês»).

Para terminar e retomando alguns aspectos focados ao longo deste breve ensaio, sublinhamos apenas que, com simplicidade lexical e um sentido lúdico muito singular, a poesia que Nuno Higino dá a ler em Versos Diversos corporiza, também, o seu olhar simultaneamente divertido, perspicaz e terno acerca do mundo, da natureza – a sua poesia alimenta-se de flores, florestas e mares, por exemplo –, das palavras e do seu uso e, muito em particular, das crianças. Os meninos e as meninas são, a cada instante, acolhidos com alegria e amor nos versos de Nuno Higino. E nestes às crianças apenas se pede que «cresçam devagar», porque o «mundo espera» e porque o seu «império é o coração».

Referências bibliográficas:

- CERVERA, Juan (1991). Teoría De La Literatura Infantil. Bilbao: Ediciones Mensajero.
HIGINO, Nuno (2008). Versos Diversos. Vila Nova de Gaia: Trinta por Uma Linha (ilustrações de Ana de Castro).
HIGINO, Nuno (2010). «A primeira (e última) vez que vi o mar» in GOMES, José António, ROIG RECHOU, Blanca, MOCINO, Isabel e RAMOS, Ana Margarida (coord.). Maré de Livros. Porto: Deriva, pp. 93-97.
GOMES, José António, RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis da (2009). «Tendências da Nova Poesia Portuguesa para a Infância (2000-2008)» in Poesia Infantil no Século XXI (2000-2008). Vigo: Xerais, pp. 111-137.
SILVA, Sara Reis da (2005). «A Rainha do País dos Frutos» in Dez Réis de Gente... e de Livros. Notas sobre Literatura Infantil. Lisboa: Caminho, pp. 116-117.
VELOSO, Rui (2008). «Obras de Nuno Higino» in www.casadaleitura.org (consultado no dia 18 de Maio de 2012).